



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na exposição  
de produtos da fábrica Daimler Chrysler do Brasil**

**São Paulo – SP, 10 de março de 2003**

Meus companheiros, minhas companheiras,  
Trabalhadores e trabalhadoras da Mercedes Benz,  
Meu caro Oscaid, presidente da Mercedes Benz,  
Demais diretores da empresa,

Meus queridos companheiros da Comissão de Fábrica, tão bem  
representados aqui pelo Moisés,

Meu querido companheiro Luís Marinho, presidente do nosso glorioso  
Sindicato,

Meu companheiro Vicentinho, companheiro da Mercedes Benz, que marcou  
história junto com vocês,

Companheiro deputado federal Luizinho, Ivan Valente,

Companheiro Wagner,

Companheiro Donizete,

Companheiro Wanderley Siraque,

Meu companheiro José Zico,

Meus caros prefeitos,

Meu companheiro Paulo Okamoto, que agora é diretor financeiro do Sebrae,

Meu companheiro Jair Meneguelli, que agora é presidente do Sesi,

Meu companheiro José Genoíno, presidente do meu partido,

Meu querido José Albino, presidente do PT de São Bernardo,

Paulo Frateschi, presidente do PT de São Paulo,

Meu companheiro José Felipe, prefeito de Diadema,

Meu companheiro Dib, prefeito de São Bernardo,

Maria Inês, prefeita de Ribeirão Pires,



Jeová Mileno, prefeito de Santo André,  
Companheiro Tortorello, prefeito de São Caetano,  
Companheiro Oswaldo Dias, prefeito de Mauá,  
Companheiro Ramon, prefeito de Rio Grande da Serra,  
Minha querida companheira Marisa,

Quero agradecer aos vereadores presentes e sindicalistas. E quero apresentar os três ministros que estão junto comigo. Eu queria que vocês conhecessem o meu companheiro Jaques Wagner, sindicalista, ministro do Trabalho; o companheiro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; meu companheiro José Graziano, ministro Extraordinário de Combate à Fome.

Eu esqueci um nome que eu não posso esquecer, até porque o dia 8 foi o Dia Internacional da Mulher, que é a minha companheira Ana do Carmo, nossa querida deputada, que está aqui presente. Companheiro Rubinelli, também deputado federal por Mauá. Meus amigos e minhas amigas, Mário Reale...

Mas, olhem essa foto aqui – para quem é muito jovem, como eu estou vendo uma grande parte aqui –, precisa, um dia, ser colocada ao lado de outras tantas fotos que nós já tiramos aqui, em situação muito adversa. Este momento que nós estamos vivendo não foi implantado agora. Nós apenas estamos colhendo aquilo que, antes de nós, outros semearam; outros jogaram a água necessária para que a nossa planta crescesse e para que, hoje, pudéssemos estar aqui, colhendo os frutos daquilo que nós plantamos.

O que mais me alegrou, hoje, além do reencontro com vocês – e eu e o Marinho estamos discutindo para eu vir aqui desde 27 de outubro, final da eleição, mas não foi possível –, o que mais me alegrou, além de vocês, não foi o caminho que o projeto Fome Zero ganhou.

Eu saio daqui como homem politicamente realizado, como sindicalista realizado, depois que eu ouvi o Presidente da Mercedes Benz dizer para mim, para o



ministro do Trabalho, para o ministro do Desenvolvimento, para o nosso ministro Extraordinário de Combate à Fome, que os trabalhadores da Mercedes Benz estão equiparados aos melhores trabalhadores do mundo, porque aqui se produz com muita competência.

Aliás, eu não tenho dúvidas de que se nós tivéssemos investido há 30 ou 40 anos, na formação educacional do nosso povo, nós não apenas teríamos os trabalhadores equiparados aos melhores do mundo, mas nós seríamos também um dos países mais ricos do mundo, nós teríamos também uma renda per capita das maiores do mundo e não seríamos uma nação onde 43 milhões de pessoas passam privações alimentares.

Eu estou convencido de que se comete, no Brasil, o equívoco e o erro de se ficar discutindo que custa muito fazer a reforma agrária, que custa fazer investimentos em educação, investir em universidades e investir na profissionalização.

Agora, ninguém discute quanto custa não fazer um investimento que tem que ser feito na hora certa para formar a nossa juventude e para formar os nossos trabalhadores.

Eu estou convencido de que se nós não tivermos uma política agressiva para investimento na educação, para investimento na profissionalização e, sobretudo, para investimento na geração do primeiro emprego, nós poderemos estar perdendo para o crime organizado e para o narcotráfico, milhões de jovens, filhos nossos, que estão, neste momento, dentro de casa, sem ter a oportunidade de fazer uma universidade e de arrumar um emprego.

Vocês sabem que, durante a campanha, eu afirmei quantas vezes foi possível afirmar, que o emprego, para mim, seria uma obsessão. E vou fazer com que essa obsessão tome conta da minha cabeça durante os quatro anos de mandato, porque nós teremos que dar a oportunidade de trabalhar e de estudar para milhões de jovens que querem trabalhar e estudar e que têm oportunidade, neste momento histórico do nosso país.



Aos 57 anos de idade eu acho que um ser humano atinge a plenitude da maturidade da sua vida. Eu hoje não tenho pressa, até porque sei que a pressa não é sinônimo de perfeição. Eu não quero fazer nada de forma atabalhoada, não quero fazer nada de forma precipitada. Vejam que o Corinthians foi precipitado e o Palmeiras marcou dois gols. Quando ele trabalhou com juízo, ele recuperou. Vejam que a Portuguesa Santista foi atabalhoada, o São Paulo marcou 5, quando ela jogou corretamente, só foi 1 x 0. Então, eu sei dos problemas do nosso país, sei dos problemas do nosso povo, dos problemas da dona de casa, da nossa juventude, da segurança.

Quero que vocês deem todo dia com a consciência tranqüila de que este amigo, este companheiro, nunca deixará de ser companheiro de vocês. Porque no dia em que eu não puder comparecer na porta de uma fábrica para falar com a minha gente, realmente não valeu a pena ter sido eleito Presidente da República deste país.

Nós precisamos aprender a vir à porta de fábrica quando as coisas estão boas e quando as coisas estão ruins, nós precisamos aprender a ter os ouvidos maiores do que a boca para que a gente possa ouvir o povo, na sua ansiedade, dizer que a gente está errando e, quem sabe, dar uns conselhos certos para que a gente comece a acertar.

Vocês sabem que se o Brasil estivesse maravilhosamente bem, eu não teria ganho as eleições. Eu só ganhei as eleições porque o Brasil estava numa situação tão delicada, que o povo brasileiro resolveu fazer com que a esperança derrotasse o medo jogado na nossa cabeça durante tantas e tantas décadas. Nós, que estamos imbuídos de alguns desejos, vamos transforma-los em realidade. O companheiro Furlan, ministro do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio Exterior, sabe que nós precisamos ter uma grande política de desenvolvimento para o Brasil, fortalecer o mercado interno mas, também, fortalecer a nossa capacidade de exportação para que a gente consiga ter dólares suficientes para não ficar reféns do capital externo.

Sabe o companheiro Jaques Wagner, ministro do Trabalho, que nós



precisamos fazer a reforma na estrutura sindical e na própria legislação trabalhista, adequado-a à realidade que nós estamos vivendo. Sabemos, todos nós, que precisamos fazer a reforma tributária, não para cobrar mais ou menos imposto, não para o Estado ganhar mais ou menos, mas para se fazer justiça social neste país, porque somente quem paga imposto de verdade são aqueles que recebem contracheque no final do mês, o imposto é descontado na fonte, e não tem como sonegar imposto.

Tem muita gente que deixava de pagar os seus impostos porque não confiava no Governo. E essas pessoas precisam compreender que o dinheiro não arrecadado pode ser transformado numa criança a mais com fome neste país, em um analfabeto a mais no nosso país.

Nós sabemos que precisamos fazer a reforma na Previdência Social, não para prejudicar aqueles que trabalham efetivamente. Nós precisamos fazer uma reforma, não para causar prejuízo a ninguém, mas uma reforma previdenciária para que a gente possa, primeiro, torná-la universal, onde todos tenham direitos iguais, trabalhadores urbanos e funcionalismo público; para que a gente possa acabar com os privilégios de uma minoria neste país, porque no setor público, também, a grande maioria ganha um salário de fome, que precisa ser melhorado. E se Deus quiser, nós vamos criar as condições para melhorar esses salários.

Todo mundo sabe que nós vamos fazer a reforma agrária neste país. Acontece que nós não poderemos fazer uma reforma agrária apenas competindo com os governos anteriores, com quem colocou mais ou menos gente no campo. A reforma agrária não é uma questão matemática, da quantidade de pessoas que foram para o campo. A reforma agrária é uma coisa de mais qualidade, é saber se as pessoas que já estão no campo, hoje, têm condições de produzir, de ganhar dinheiro e de sobreviver condignamente. E é isso que nós queremos fazer neste país.

Há, praticamente, quatro mil assentamentos neste país, dos quais 80% estão passando privações. É nossa obrigação fazer com que essas pessoas, que já estão



na terra, tenham acesso ao financiamento, possam se organizar em cooperativas, possam se organizar em agroindústrias familiares e possam produzir para melhorar a qualidade de vida da sua família. E que possam melhorar a qualidade do alimento, possam melhorar a produção e possam melhorar o ganho de cada família deste país, porque nós estamos cansados de ver mais gente deixar o campo do que entrar no campo. Se nós analisarmos os últimos 15 anos, muito mais brasileiros deixaram o campo do que foram assentados.

Então, nós não queremos colocar gente numa porta para sair pela outra, nós queremos colocar, mas queremos que os que já estão lá possam trabalhar e viver condignamente.

E, por último, meus amigos e minhas amigas, esta vinda à Mercedes é simbólica, porque o último Presidente da República a visitar a Mercedes Benz foi Juscelino Kubitschek, em 1956. Portanto, há praticamente 47 anos um Presidente da República não vinha visitar essa indústria automobilística. E eu quero visitar não apenas a indústria automobilística, meu companheiro Joel, vice-prefeito de Diadema, mas também quero visitar pequenas e médias empresas brasileiras. Eu quero visitar grandes fazendas produtivas, mas quero visitar os assentamentos onde as pessoas estão dormindo embaixo do encerado preto, passando fome. Eu quero visitar as boas casas deste país, mas quero visitar as encostas dos morros, onde nossos irmãos estão morrendo, a cada garoa, a cada chuva que dá nas grandes cidades. Quero visitar as palafitas, quero visitar as coisas boas e as coisas ruins, porque eu quero provar que este país pode ser muito melhor para o seu povo do que foi até agora.

Eu quero concluir, dizendo para vocês uma coisa: eu terminei a minha campanha dizendo: eu vou começar fazendo o necessário, depois nós vamos fazer o possível e quando menos se esperar, a gente vai estar fazendo o impossível neste país. Podem ficar certos, nós vamos trabalhar com toda a tranqüilidade, com toda a maturidade possível. Não vamos aceitar nenhuma provocação, nenhum apressadinho que quer colocar o carro na frente dos bois: “por que o Governo ainda



não fez? Por que o Governo não fez?”

Ora, eu tenho cinco filhos, só com a minha “galega”, aqui, eu tenho quatro. E eu sei que, por mais que a gente ame os filhos, quando a Marisa engravidou eu fiquei doido: agora vou ser papai, e fiquei nove meses grudado na barriga dela: “ele está chutando, ele está se mexendo”. Eu tive que esperar nove meses para ele nascer. Depois que nasceu, eu tive que esperar quase 11 meses para ele andar. Depois, ainda tive que esperar 12 meses para ele aprender a falar papai ou mamãe. Então, por que eu vou fazer as coisas com pressa? Eu tenho que ter a paciência da natureza e trabalhar com a sabedoria coletiva do nosso povo, para que a gente possa cumprir cada coisa que prometeu para vocês, cada palavra que nós falamos nos nossos discursos. Nós vamos cumprir. Sabemos que é possível cumprir.

Vocês estão lembrados que diziam assim: “O Lula não vai conseguir trabalhar com o Congresso Nacional, vai ser muito difícil trabalhar com o Congresso Nacional, porque ele não tem maioria”. Nós fizemos o Presidente da Câmara e o Presidente do Senado. “O Lula não vai conseguir porque os governadores são contra”. Eu fiz, há 20 dias, a mais importante reunião que um Presidente da República já fez com 27 governadores de estado, para discutir a reforma deste país. Porque, se na cabeça deles tem coisa impossível, é porque eles não têm uma coisa que eu tenho. Quem viveu a vida que eu vivi, na porta dessas fábricas, quem enfrentou a polícia, como nós enfrentamos aqui, quem viu milhares de trabalhadores serem mandados embora, quem já subiu aquele prédio lá, para defender a Diretoria da empresa porque a peãozada queria invadir o prédio, quem sobreviveu a tudo isso e está aqui, hoje, como Presidente da República, não tem por que não acreditar que nós vamos fazer deste país uma grande Nação, e que o seu povo possa viver com dignidade e com respeito.

Muito obrigado, meus companheiros, muito obrigado por tudo, muito obrigado à Direção da Mercedes pelo caminhão, muito obrigado pelo cheque de mil reais para o óleo diesel do caminhão e muito obrigado por tudo que vocês representam e que vocês simbolizam para este país.



Eu, quando vejo a cara de vocês, fico lembrando que a classe operária brasileira poderia ser assim. O que nós queremos? Trabalhar. O que nós queremos? Tomar café da manhã, almoçar e jantar. O que nós queremos? Colocar nossos filhos numa escola decente. O que nós queremos? Sonhar com os nossos filhos entrando numa universidade. O que nós queremos? Ter acesso ao lazer, ter acesso à cultura. É isso que nós queremos, coisas simples, que estão na Bíblia, que estão na Constituição, que estão na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estão no Estatuto da Criança e do Adolescente. Portanto, nós não estamos reivindicando nada além daquilo que nós mesmos já colocamos em todas as leis do mundo e, portanto, se nós colocamos nas leis, nós agora temos a obrigação moral, ética e política de cumprir aquilo que já está transformado em lei, para que o povo possa, efetivamente, acreditar e confiar no Parlamento, nas prefeituras, nos governos estaduais e no governo federal.

Eu sonho que um dia a gente não terá, pelo Brasil, trabalhadores como vocês da Mercedes junto com trabalhadores que estão desempregados há dois, três anos, vivendo de ajuda, vivendo de favores. Eu sonho que um dia Vicente, Marinho, a gente possa ter, no Brasil, a grande maioria dos trabalhadores com carteira profissional assinada, ganhando um salário que lhes permitam viver dignamente com a sua família e tendo um processo de educação e de saúde oferecido pelo Governo, que transforme os 175 milhões de brasileiros em cidadãos com “C” maiúsculo.

Muito obrigado, companheiros, e até outro dia, se Deus quiser!

rsm/cms